

## ARTE PARA A DIVERSIDADE E CIDADANIA

### ART FOR DIVERSITY AND CITIZENSHIP

**Ana Laura Figueiró de Sousa**

Graduanda de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade  
Federal do Pará, Belém, PA-Brasil  
[laurafigueiro@gmail.com](mailto:laurafigueiro@gmail.com)

**Andresa Carvalho Lopes Pires**

Graduanda de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade  
Federal do Pará, Belém, PA-Brasil  
[andresa.carvalho10@gmail.com](mailto:andresa.carvalho10@gmail.com)

**Resumo:** A prática em sala de aula permitida aos alunos de licenciatura pelo programa PIBID permite a validação dos conhecimentos teóricos, além de formar um profissional que tenha capacidade de perceber a diversidade e as novas configurações sociais, que acabam refletindo no ambiente de ensino. Sendo assim, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – considerando o papel da escola de educação básica como local de atuação do professor de Artes Visuais, traz no projeto do programa da Universidade Federal do Pará - UFPA, o foco nos eixos temáticos: História, Cultura Afro-Brasileira e Africana assim como a diversidade de gênero. Este artigo se trata de relatos de experiências vividas nas aplicações das atividades do programa e utiliza como ferramenta metodológica a observação para uma reflexão sobre como este projeto contribuiu na construção da identidade dos estudantes das escolas básicas participantes e na formação profissional dos estudantes de licenciatura envolvidos.

**Palavras-Chave:** PIBID. Ensino. Artes.

**Abstract:** The classroom practice allowed to undergraduates by the PIBID program allows the validation of theoretical knowledge, in addition to training a professional who has the ability to perceive diversity and new social configurations, which end up reflecting in the teaching environment. Thus, the Institutional Program of the Initiative for Teaching - PIBID - considering the role of the school of basic education as a place of action of the teacher of Visual Arts, brings in the project of the program of the Federal University of Pará - UFPA, the focus on the axes themes: History, Afro-Brazilian and African Culture as well as Gender Diversity. This article is about reports of experiences in the applications of the activities and uses as a methodological tool the observation for a reflection on how this project contributed in the construction of the identity and in the professional formation of both undergraduate students and students of participating elementary schools.

**Keywords:** PIBID. Teaching. Art.

## INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem como objetivo inserir licenciados nas instituições públicas do ensino básico para vivenciar o dia a dia do profissional da educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem, incentivando assim, a sua formação, elevando a qualidade do ensino e contribuindo para a valorização do magistério.

A proposta busca alternativas de formação que respondam à discussão acerca dos direitos humanos, afrodescendentes, da diversidade e identidade cultural, meio am-

biente e patrimônio histórico e cultural, atendendo assim às diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores, fortalecendo os pressupostos políticos e pedagógicos capazes de construir uma educação básica pública e de qualidade.

Este relato tem como objetivo colocar em evidência as experiências que ocorreram no período outubro a dezembro de 2017 na Escola Estadual de Ensino Fundamental Bento XV – Belém – PA, considerando o papel da escola de educação básica como local de atuação do professor de Artes Visuais, traz no projeto do PIBID de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará - UFPA, o foco nos eixos temáticos: História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Diversidade de Gênero.

## **1 LEMBRAR PARA PERTENCER: HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA**

Partindo da necessidade de compreender a linguagem visual e as manifestações artísticas, surge a importância de ministrar aos alunos do ensino fundamental I, com faixa etária entre 9 e 10 anos, o conteúdo de Elementos Visuais, que são o que estruturam essa linguagem, sendo a matéria-prima de toda informação visual. Destacando a cor e a forma, usando-as para abordar o eixo temático História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, trabalhando em cima de questões sobre tolerância religiosa e respeito racial. Assim, descentralizando um imaginário de Artes visuais apenas europeia e também permitindo com que os estudantes se identifiquem com histórias e origens do nosso povo, como falado por Nietzsche (1887), em “*Genealogia da moral*”: “Lembrar-se é uma realização de pertencimento, até uma obrigação social. Uma pessoa tem que lembrar para pertencer”. Neste contexto, pode-se compreender que:

O conhecimento sobre o passado adquire as propriedades e funções da memória somente se ele é relacionado a um conceito de identidade. Enquanto o conhecimento não tem forma e é infinitamente progressivo, a memória envolve esquecimento. (ASSMANN, 2008. p. 121).

Outro eixo que também foi trabalhado é o da Educação em Direitos Humanos, onde o enfoque foi a questão de gênero na sociedade. Como ressalta por Liblik (2012):

Hoje para que a escola seja considerada completa, é necessário que esta seja capaz de atender às crianças e aos jovens de diferentes origens, credos e etnias, respeitando as diferenças e igualdades além de proporcionar a troca de experiências entre todos os que convivem nesse espaço. (LIBLIK, 2012, p. 18).

Por nos permitir uma aproximação do sistema de formação de professores, entre as possibilidades de ferramentas metodológicas, escolhemos a observação, pois “A observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens.” (LÜDKE; ANDRÉ; 2013, p. 30).

Cada um de nós, enquanto acadêmicos bolsistas do PIBID, ministramos aulas em uma escola estadual pertencente ao programa. Os encontros aconteciam no turno da manhã das atividades regulares com alunos do 4º ano.

## **2 A EDUCAÇÃO CRÍTICA SOCIAL**

O conteúdo foi ministrado aos alunos tendo como partida o eixo temático História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e seguiu a base da educação crítico-social, permitindo aos alunos perceberem que o conteúdo está perfeitamente adequado à realidade vivida socialmente por eles. Ao mesmo tempo em que conectou práticas artísticas africanas com a realidade vivida por eles em suas comunidades. Partindo do conteúdo de elementos visuais a fim de abordar temas como preconceito racial.

As aulas seguiram a metodologia Triangular, que é baseada em três pilares: contextualização histórica; apreciação artística; e fazer artístico. Neste contexto a história da arte não tem um fim em si mesma, como afirma a profa. Ana Mae Barbosa (1991). Sua função é contextualizar a obra estudada, situando-a enquanto produto de uma época. Faz-se importante observar como épocas posteriores têm com ela se relacionado, inclusive levando em consideração a interpretação que os próprios alunos fazem dessa obra.

A leitura da obra de arte, por sua vez, é feita pela análise estética e crítica da produção artística, situada historicamente, proporcionando ao aluno a sua apreciação e compreensão - tanto do ponto de vista dos elementos da linguagem quanto do ponto de vista temático/filosófico. O fazer artístico, desta forma, é o resultado de uma ação consciente, que pode se dar através de releituras das obras estudadas ou de outras formas de criação, a partir da vivência e da leitura crítica da realidade. Este fazer, então, fundamenta-se tanto no conhecimento técnico e estético, quanto no conhecimento histórico.

Estas três abordagens do processo de ensino de arte devem ser consideradas dentro de uma mesma disciplina, garantindo, assim, a inter-relação entre elas. Isto contribui para que - da obra estudada, analisada, apreciada, contextualizada, reelaborada - resulte uma produção que se possa dizer consciente e consequente.

A princípio com aulas teóricas sobre cor e forma. Posteriormente, foi exemplificado o uso desses elementos com obras de artistas, nacionais como, por exemplo, a artista Adriana Varejão, com enfoque para o trabalho “Polvo” e/ou internacionais, e como foram abordados ao longo dos anos pelas diversas culturas. Com o foco em explicar a importância da síntese natural feita pelas sociedades africanas.

A atividade artística na escola não é para ‘acalmar’ as crianças ou ‘descansar’ o professor, ou simplesmente ser uma atividade complementar. A arte é

muito mais do que isso, arte tem a função de favorecer a ação espontânea facilitar a livre expressão e permitir a comunicação, ela contribui para formação intelectual da criança desenvolvendo conhecimentos e habilidades, utilizando as mais diferentes linguagens para expressar experiências, sensíveis. (FERREIRA, 2008, p. 34).

No primeiro momento, os alunos confeccionaram novas cores de tintas, a partir de mistura de cores primárias, de forma que criaram diversos tons de pele e posteriormente seus autorretratos utilizando as tintas criadas por eles.

Iniciamos provocando os alunos acerca do lápis da cor salmão conhecido por muitos como “cor da pele”. O lápis foi mostrado e perguntamos a cor, como é de costume, a resposta foi unânime: “Cor da Pele”. Depois mostramos a obra “Polvo” da artista Adriana varejão, as crianças perceberam que não podiam dizer que aquele lápis era “cor da pele”, pois não se aplicava a cor dos que estavam presentes em sala, sendo assim, deveríamos continuar chamando o salmão de “cor da pele”? E a resposta que antes foi unânime dizendo que aquela era cor da pele, agora tinha mudado para um grande “Não”. Abaixo pode-se observar os autorretratos que surgiram após as provocações acerca da nossa diversidade, onde cada aluno colocou no seu autorretrato o tom e pele que mais se aproximou ao seu.

Durante esta atividade, foi mostrado também o quadro "Operários", da artista brasileira Tarsila do Amaral, apontamos alguns rostos presentes no quadro, para tentar instigar características que nos fazem diferentes, mas não nos diferenciam de fato, pois somos todos seres humanos, logo somos iguais. Por fim, ao se apontar para um homem negro, algumas crianças começaram a rir e a utilizar palavras preconceituosas, o mais constrangedor neste fato, foi o de que essas crianças que riram possuíam praticamente a mesma cor do homem apontado, fato que evidencia a imposição de que certas características são superiores a outras e que o preconceito está enraizado na cultura, onde ao invés de mostrar o contrário muitas famílias/comunidades continuam multiplicando discursos errôneos e preconceituosos acerca de sua própria identidade.



Figura 1 - Captura de imagem dos trabalhos de autorretrato  
Fonte: Acervo do autor.

No segundo momento, foi apresentado aos alunos diferentes tipos de bonecas em diferentes culturas, afim de que, percebessem como cada sociedade possui tradições e mitos distintos. Assim como, que os brinquedos carregam valores das culturas na qual estão inseridos e o uso das cores, das formas e dos materiais.

É interessante notar que ao longo dos tempos o ser humano desenvolveu habilidades para viver em sociedade a qual resulta de seu trabalho, ou seja, de sua cultura (FREIRE, 1981). Assim sendo, valorizar a cultura é uma forma de dar continuidade ao ser histórico, à sociedade em que ele está inserido. Ou seja, a construção da sociedade se dá na mesma proporção em que se preservam os valores culturais dessa sociedade.

Ao final da aula, os estudantes produziram bonecas abayomis. Com a utilização das bonecas abayomis foi introduzida a questão do gênero a partir das perguntas: O que é de menino e menina? Depois da confecção das bonecas é certo dizer que só

menina pode brincar? Levando assim, a um diálogo com a finalidade de identificar conceitos e preconceitos, atitudes e padrões, surgindo assim uma oportunidade de trabalhar a diversidade nas brincadeiras, nos olhares, no vestir e no falar.



Figura 2 - Captura de imagem Boneca Abayomi  
Fonte: Acervo do autor.

Por fim, foi realizada foram levantadas questões em sala de aula onde todos falaram sobre seus o que acharam das aulas. Os estudantes, nessa aula foram provocados a fim de refletirem sobre como as práticas artísticas vindas da África não são inferiores a nenhuma outra, sobre como o Brasil é um país plural, abordando a questão da misoginia. Assim, possibilitando-os a pensarem sobre questões de intolerância religiosa e até reverem atitudes de cunho preconceituoso com colegas de classe. Fazendo-os, assim, enxergarem como as Artes Visuais e educacionais podem contribuir para uma visão crítica e consciente acerca do espaço em que estão inseridos.

A última atividade realizada foi a confecção da câmera obscura que foi uma atividade extremamente lúdica, onde as crianças puderam perceber a magia que um dia levou os homens a produzirem tecnicamente uma imagem. Esta aula se deu como uma viagem no tempo, além de permitirem a eles redescobrirem o espaço em que vivem, pois, este processo permite o espanto diante de um processo absolutamente simples de formação da imagem. Esta aula teve como objetivo instigar o olhar das crianças, permitindo verem o mundo de uma maneira diferente e entendendo que tudo evolui, que assim como a câmera escura é antecessora a fotografia como conhecemos hoje, mas que tudo tem um início e anos de descobertas e práticas para se aperfeiçoar.



Figura 3- Captura de imagem da confecção de câmeras obscuras pelos alunos do 4º ano  
Fonte: Acervo do autor.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, está inserido na Universidade Federal do Pará (UFPA) no curso de Artes Visuais desde o ano de 2012 e até o momento vem somando na formação de futuros docentes. O objetivo do

PIBID é dar oportunidade a parceria entre a Universidade e as escolas públicas, proporcionando aos acadêmicos praticarem e aprenderem com experiências únicas em sala de aula, permitindo aliar a teoria com a prática.

No decorrer do trabalho foram realizadas junto aos colégios públicos, aulas de observações e de regências pelos acadêmicos inscritos no programa, onde foram supervisionados por professoras da educação básica. Nas aulas de regência foram ministradas atividades diferenciadas ligadas ao conteúdo programático do plano docente de cada professor, com o propósito de inserir nestes planos o eixo temático: História, Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Com as atividades realizadas foi possível trabalhar várias questões do eixo proposto, além de possibilitar trabalhar com a formação daquelas crianças no que diz respeito ao aspecto da convivência, empatia e na aceitação das diferenças da nossa própria diversidade.

Na atividade de Confecção de Autorretratos com diversos tons da pele, que se aproximavam mais da sua realidade de acordo com a visão de si mesmo que o aluno obteve a partir de provocações acerca do lápis de cor “salmão”, antes intitulado no senso comum por eles como “cor da pele”, os alunos puderam refletir sobre a miscigenação brasileira e o preconceito racial.

Com a confecção de Abayomis – Foi apresentado aos alunos bonecas de diferentes nacionalidades, como as matrioska, abayomi e ningyoo. Depois foram confeccionadas bonecas abayomis, mostrando como diferentes culturas podem tratar um mesmo elemento visual, além de explicar sobre a importância da síntese e o respeito as diferentes visões sobre o mundo. Cada aluno pode ficar com a boneca e foi instigado para eles repassarem a história da boneca e sua importância para outras pessoas, além de permitir a discussão sobre gênero, só menina pode brincar de boneca?

A partir da confecção da câmera escura, os alunos partiram da prática de montagem da câmera para haver um diálogo sobre as diferentes formas de vivenciar experiências e enxergar o mundo.

Pode-se perceber o quanto ainda temos o preconceito, racismo, intolerância presentes no cotidiano e na mentalidade das crianças, discursos muitas vezes reproduzidos a partir do que vivenciam ao seu redor.

A prática profissional, ainda na formação acadêmica, é essencial para o futuro professor, por ser uma ferramenta que proporciona chegar à escola com vários olhares sobre o seu papel de educador na sociedade e ver cada um de seus alunos como uma pessoa única, que tem expectativas quanto a sua própria aprendizagem e atribuem ao educador a tarefa de corresponder. Então, o professor recém-formado que vem de um curso que lhe capacitou com experiências práticas como a do Programa de Iniciação a Docência PIBID- terá mais vivência da ação docente em sua total complexidade.

Com o PIBID, principalmente em Artes Visuais utilizando temas dos eixos História, Cultura Afro-Brasileira e Africana assim como a Diversidade de Gênero, não se forma apenas bons estudantes tanto de licenciatura como das escolas básicas, mas se forma principalmente cidadãos que tem acima de tudo respeito pelo outro e conhecem sua própria identidade.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, J. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNING, Ansgar (Ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin; New York: De Gruyter, 2008.

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino de arte*. São Paulo: Perspectivas, 1991.

FERREIRA, A. *A criança e arte: o dia - dia na sala de aula*. 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIBLIK, A.; PETRAITIS, R. A.; REGINA, L. I. L. *Contextos educacionais: por uma educação integral e integradora de saberes*. Curitiba: Intersaberes, 2012.

LÜDKE, M; ANDRÉ, A. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013

NIETZSCHE, F. *On the genealogy of morality*. Trad. Maudemarie Clark e Alan J. Swensen. Indianapolis: Hackett, 1998.

recebido em 2 mar. 2018 / aprovado em 15 maio 2018

**Para referenciar este texto:**

SOUSA, A. L. F.; PIRES, A. C. L. Arte para a diversidade e cidadania. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 17, n.1, p. 54-65, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/cpg.v17n1.8419>>.